

# **RELATÓRIO ANALÍTICO DO CURSO**

## **JORNADA FEMINISTA, ANTIRRACISTA PATRÍCIA GALVÃO**

**Período: 15 de março a 02 de julho de 2020**

**Secretaria da Mulher Educadora – SINPRO-DF/ Universidade Livre Feminista**

**Equipe Pedagógica:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Denise Maria Mantovani (coordenadora); Prof<sup>ª</sup>. Me. Bernadete Konzen; Prof<sup>ª</sup>. Esp. Isabel Freitas

**Universidade Livre Feminista:** Cristina Lima – secretária executiva)

A jornada de formação em teoria feminista e antirracista é parte do planejamento estratégico da Secretaria de Políticas para as Mulheres Educadoras do SINPRO-DF, gestão 2019-2021. A demanda para o desenvolvimento do curso partiu da coordenação política da secretaria, no final de 2019. Desde então, o grupo de educadoras feministas autônomas passou a aprofundar uma reflexão sobre conteúdos e metodologias mais adequadas para o público da Educação. Em janeiro de 2020, em Porto Alegre, foi realizada a primeira reunião presencial da equipe pedagógica com assessoria da Secretaria da Mulher Educadora do SINPRO/DF para aprofundar as principais questões da proposta metodológica e pedagógica.

A Secretaria da Mulher coordenou o processo de inscrições feito por meio de plataforma exclusiva do sindicato no período de 20 de fevereiro até 10 de março. Foram confirmadas as inscrições de 178 educadoras/es, 13 convidadas (apenas uma pessoa convidada fez o curso até o final) de organizações sindicais do campo da Central Única dos Trabalhadores – CUT do Distrito Federal.

No início de março, os primeiros dados referentes à pandemia de Covid-19 no Brasil criaram um mar de incertezas na categoria da educação. O planejamento inicial do curso apontou um processo de formação de forma semipresencial, ou seja, 4 (quatro) horas-aulas presenciais no início de cada módulo planejado, de março a junho. Com a emissão do decreto governamental sobre a pandemia, o GDF suspendeu as atividades escolares. A coordenação da jornada, então, optou por realizar de forma experimental o primeiro módulo exclusivamente on-line, via Plataforma de Formação Feminista (Moodle), da Universidade Livre Feminista – ULF.

Assim, junto aos conteúdos do primeiro módulo, foram acrescentadas duas aulas gravadas pela equipe da TV SINPRO, disponibilizadas na plataforma da ULF. Além dos vídeos de abertura com as professoras Isabel Freitas e Denise Mantovani, o Módulo inaugural contou com o vídeo de abertura gravado pela professora Neide Rafael, convidada de honra do curso.

Já no primeiro módulo, percebeu-se que estávamos enfrentando uma situação extremamente adversa, com impactos diferenciados nos setores da sociedade. No mês de abril, decidimos em coordenação iniciar uma busca ativa de cursistas que não haviam entrado na plataforma, ou que entravam, exploravam os conteúdos, mas não realizavam debates/apresentações conforme o orientado. A busca também foi importante para sinalizar possíveis decisões sobre a pertinência de manter a continuidade do curso no período seguinte.

Cabe registrar que na primeira devolutiva da busca ativa, algumas cursistas registraram a falta de internet com velocidade adequada como empecilho para a frequência no curso. No entanto, não sinalizaram desistência. Outra questão levantada foi a precariedade dos equipamentos particulares. A maioria das pessoas abordadas possuíam apenas aparelho de celular, algumas das cursistas esperavam usar os computadores e a internet do local de trabalho para seguir o curso. Uma questão recorrente e objeto de análise permanente nos estudos feministas dizem respeito a questões do trabalho. Uma parte dos retornos informavam que as cursistas assumiram uma carga diária brutal de trabalho doméstico e de cuidados nas residências durante a quarentena que estava em seus primeiros 30 dias. Cuidados com crianças (filhos, sobrinhos), idosos e pessoas doentes, afazeres domésticos de higiene e cuidados com a alimentação, somados ao medo de contaminação por um vírus do qual pouco se conhecia, incertezas sobre o trabalho, fizeram da vida em quarentena uma sobrecarga física e emocional para muitas educadoras. Durante o primeiro módulo apenas três cursistas solicitaram desligamento, alegando absoluta falta de condições pessoais emocionais para a continuidade do curso. Para outras, frequentar o debate e os estudos se apresentaram como a única possibilidade de manter a saúde mental e o vínculo com a realidade por meio dos estudos e dos debates ofertados pela plataforma.

A seguir, apresentamos um relatório sobre dados quantitativos e qualitativos em relação ao curso, os objetivos propostos e o retorno alcançado com as/os professoras que conseguiram realizar a atividade em parte ou até o final.

## **Dados Gerais**

O curso *Jornada de Formação em Pedagogias Feministas e Antirracistas para Professoras(es) da Rede de Ensino do GDF* nasceu de uma parceria entre a Universidade Livre Feminista/Cfemea e o Sinpro/DF a partir de uma preocupação comum de que o cotidiano de violência que se vive em muitas escolas está diretamente relacionado à cultura patriarcal, ao racismo e à lgbtfobia que estruturam as desigualdades, os preconceitos e as violências contra as mulheres, jovens e crianças, especialmente as mulheres negras, indígenas, de etnias não hegemônicas, as mulheres que vivem nas comunidades periféricas, bem como

homens, jovens e crianças não identificadas com a masculinidade violenta e machista são os principais alvos de práticas violentas.

Na escola, todas essas situações de desigualdades se expressam, uma vez que o ambiente educacional está inserido numa comunidade mais ampla, que envolve a vida na comunidade, o ambiente familiar das e dos alunos, das e dos professores, bem como o contexto político em que estamos inseridos. Todas essas situações atuam de forma cruzada na produção de sentidos e na naturalização dessas violências. Atuam no momento em que a escola torna-se um espaço de reprodução de situações de violação dos direitos humanos, de desrespeito, preconceito e extremismo.

Diante desse diagnóstico, o curso teve o propósito de promover uma reflexão teórica e empírica sobre esta realidade a partir do estudo sobre os eixos estruturantes dessas formas de opressão, violências e dominação, que são naturalizadas em nosso cotidiano. O objetivo geral pretendeu *oferecer ferramentas de análise que permitissem refletir sobre a realidade vivenciada nas escolas no sentido de atuar sobre essas estruturas*. Dessa forma, o curso contou com um arcabouço teórico feminista, antirracista e anti-lgbtfóbico.

## **O curso**

O curso teve duração de três meses, iniciando em 16 de março de 2020 com encerramento oficial em 2 de julho de 2020, numa conferência (via plataforma Zoom) entre todxs xs participantes. Aqui, é preciso registrar que o curso foi profundamente impactado pela pandemia Covid-19, que teve o isolamento social e o afastamento das atividades presenciais e das aulas decretado no dia 16/03. Diante dessa realidade, a formação, que foi inicialmente projetada para ser semipresencial, precisou ser adaptada para o formato à distância e foi desenvolvida totalmente nessa modalidade por meio da [plataforma digital](#) da Universidade Livre Feminista.

É provável que a pandemia tenha afetado a possibilidade de muitas inscritas participarem ativamente das atividades. Sabemos por fartos relatos e estudos que a sobrecarga de trabalho para as mulheres com o cuidado (um dos efeitos da naturalização da divisão sexual do trabalho doméstico), assim como as restrições tecnológicas, como a dificuldade de acesso à conexão banda larga, dispositivos individuais (computador, celular), situações de desemprego na família e violências de diversas naturezas podem ter afastado muitas pessoas interessadas do processo de formação. Paradoxalmente, diversos relatos das professoras e professores que participaram do curso informam que a situação de isolamento e distanciamento social, provocados pela necessidade de evitar a propagação do vírus, permitiu

que estabelecessem um tempo para a leitura dos textos, para a interação nos Fóruns de Debates, para acompanhar os vídeos e os podcasts que fizeram parte do material didático do curso.

Os três meses da Jornada Feminista Antirracista Patricia Galvão completaram **140 horas de estudos**, considerando uma **média diária de 1h30min** exclusivamente dedicados para as atividades previstas. Diante das dificuldades provocadas pela pandemia, dos desafios e aprendizados, podemos considerar que o curso foi bem mais do que um período de estudos de qualificação teórica.

Em diversos depoimentos, encontram-se registros da importância dessas reflexões terem ocorrido em meio a um momento tão grave e assustador como a pandemia. Sobretudo diante de contextos de destruição de vidas e do desemprego. Para muitas, esse período de estudos também se transformou numa forma de resistência, de autocuidado e de exercício do pensamento crítico, que ajudaram a refletir sobre a grave conjuntura política vivenciada no Brasil e no Mundo.

## **Participantes**

De acordo com os dados quantitativos de participação produzidos pela Universidade Livre Feminista, o curso que, inicialmente teve 178 inscrições, alcançou um número de **75 pessoas efetivamente participando e acompanhando as atividades na Plataforma**, que acessaram pelo menos um dos conteúdos que compunham os 4 Módulos. **Dessas 75 participantes da Jornada, 53 pessoas (70%) conseguiram acompanhar o curso até o final, em julho.**

Apesar do contexto de dificuldades, das 53 pessoas participantes ativas, **27 delas (50%) cumpriram 100% dos objetivos previstos nos 4 Módulos**, até o encerramento em 6 de julho de 2020, quando os acessos à Plataforma foram encerrados. Ou seja, acessaram todos os textos, todos os vídeos e *podcasts*, participaram dos Fóruns de Debates e produziram a análise final. Esse dado merece ser destacado. Diante de tantas exigências, das inseguranças e pressões externas provocadas pela pandemia, associadas à dinâmica nova de um curso totalmente à distância, **entendemos ser motivo de comemoração que metade das inscritas ativas tenham cumprido com todas as metas do curso.**

Das 75 participantes da Jornada, o relatório mostrou que **22 pessoas (29%) não conseguiram ultrapassar o 1º Módulo (com menos de 50% de acessos)**. Os dados mostram que esse grupo acessou somente os textos, vídeos/*podcast* **do 1º Módulo (março - abril)**, chegando no máximo aos textos do Módulo 2 (abril - maio). Mas não seguiram adiante.

Outras **8 pessoas inscritas completaram 50% do curso** (realizando acessos em parte ou até o final do Módulo 2).

Das 53 participantes ativas (70% das cursistas) identificamos **18 pessoas que acessaram os materiais ou participaram das atividades até o Módulo 3 (início de Junho)**. Ou seja, realizaram 75% do curso. Esse afastamento **na participação pode estar relacionado ao início do trabalho remoto na Rede de Ensino do GDF** (que teve início em junho).

## **Metodologia**

Inicialmente, a metodologia foi desenvolvida para o formato semipresencial, considerando uma estrutura didático-pedagógica que contemplasse momentos presenciais com professoras convidadas, troca de experiências, opiniões e debates sobre o conteúdo estudado a partir da bibliografia oferecida. No entanto, a pandemia da Covid-19 obrigou a interrupção do plano e adoção de um novo modelo exclusivamente à distância. Nesse ponto, é preciso ressaltar a importância da Plataforma da Universidade Livre Feminista e a disponibilidade da equipe coordenada pela educadora Cristina Lima da ULF/CFEMEA. Graças a essa agilidade, o curso foi remodelado, ampliando o papel dos Fóruns de Debates nos Módulos 1, 2 e 3 para troca de opiniões e experiências relacionadas com o arcabouço teórico oferecido em cada Módulo. Também ampliamos os recursos já previstos de videoaulas, *podcasts*, textos em PDF, entrevistas no *youtube*, filmes, documentários e depoimentos em vídeo, além de incorporarmos dois momentos ao vivo em formato “webinário”.

As aulas expositivas e dialogadas previstas para o formato presencial foram substituídas por vídeo aula das professoras (primeiro módulo), com destaque para a **professora Neide Rafael**, que participou como convidada especial. Na sequência, a opção foi oferecer essas exposições no formato em *podcast* exclusivos, acompanhados de textos-síntese produzidos especialmente para o curso com uma síntese dos conceitos teóricos apresentados em cada eixo/módulo.

## **Lives e convidadas especiais**

Além dos textos teóricos, todos disponibilizados em PDF na Plataforma, a preocupação foi oferecer uma diversidade de recursos técnicos que auxiliassem a compreensão dos conteúdos. Nesse sentido, o curso promoveu uma *live* com a participação especial de estudiosas, pesquisadoras e religiosas para refletir sobre “**Sexualidades e**

**religiosidades no ambiente/comunidade escolar”** realizada no dia 14/05 com a participação da Pastora Romi Bencke (IECLB/Conic); a doutoranda em antropologia Simony dos Anjos, feminista Cristã, colunista do Justificando e Coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero; Rebecca Religare, mestre em sociologia e graduanda em direito pela Unb, católica, especialista em gestão de políticas públicas em gênero e raça e co fundadora da Coletiva LGBT Corpolítica; a professora Neliane Maria, educadora da Rede Pública do DF há 23 anos, ativista, afro empreendedora e frentina da Frente de Mulheres Negras no DF e Santa Irene d Oyá. Filha de Iyá Vera Soares de Oyá do Centro Memorial de Matriz Africana 13 de Agosto, da Bacia de Oyó, assessora Técnica do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional de Matriz Africana, no Rio Grande do Sul (Fosanpotma/RS). Afroindígena, Jornalista, por formação. Militante feminista e do Movimento Negro. A segunda foi a live foi realizada para o encerramento do curso, no dia 02/07/2020. Contou com a participação de todas as professoras inscritas com disponibilidade naquele horário. O objetivo foi produzir uma análise coletiva sobre o curso e sugestões.

Um aspecto importante a ressaltar foi o conceito da “metodologia ativa” no contexto da educação feminista, antirracista e decolonial. Partimos de compressões teóricas que compreendem a metodologia como “um caminho, uma orientação” para o processo de estudos, de interpretação e síntese. Esse aspecto foi central para compreender que as técnicas adotadas para o curso não deveriam estar “engessadas” num modelo prévio e inalterado. Ao contrário, a metodologia deveria estar adequada à possibilidade de ajustes que permitissem acolher as questões, demandas e necessidades que eventualmente poderiam ser apresentadas no decorrer do curso. A partir do entendimento de um método em constante aprimoramento, foi possível compor um **processo construtivo** de aprendizagem onde o saber teórico estaria o mais próximo possível das questões reais vivenciadas pelas e pelos professores participantes do curso.

Entendemos que, ao adotar esse método pedagógico, foi possível adequar tecnicamente o curso para um novo arranjo (de semipresencial para à distância), como também foi possível promover ajustes no referencial teórico, atendendo tanto as expectativas pontuais como oferecendo abordagens novas, problematizando os contextos realmente vivenciados na realidade escolar. No processo de montagem do curso entendemos que essa metodologia seria a mais adequada para pensar as vertentes feministas, antirracistas e decoloniais que levam em consideração a experiência das pessoas. Nesse modelo, além da permanente interação entre a coordenação pedagógica, a coordenação do curso/Sinpro e a ULF, foi fundamental a técnica dialógica a partir das manifestações nos Fóruns de Debates na Plataforma Livre Feminista. Por meio das manifestações e opiniões expressas naqueles

Fóruns foi possível ajustar a bibliografia adequando o conteúdo teórico às realidades vivenciadas. Esse método também permitiu identificar o tema da *live* e o material pedagógico complementar. Esse modelo permitiu uma metodologia “ativa”, ou melhor “viva”, de ajuste constante e sintonizado com as preocupações registradas pelo grupo.

Isso permitiu que o conteúdo teórico-pedagógico fosse estruturado dentro dos eixos/módulos para garantir maior fluidez e identidade com as abordagens das participantes. Assim, o conteúdo previamente planejado (arbitrário, porque era uma escolha exclusiva da coordenação pedagógica), foi sendo “transformado” e adequado aos interesses e preocupações das e dos participantes, na medida em que se dispuseram a interagir colocando seus pontos de vista no Fórum de Debates.

Aqui, é preciso reforçar o papel da Plataforma da Universidade Livre Feminista como um ambiente seguro, restrito, de fácil acesso das inscritas/os que permitiu a interação e a constante observação, avaliação e, conseqüentemente, adaptação do currículo e do conteúdo dos Módulos. Creemos que, apesar das dificuldades enfrentadas pela pandemia, esse método teórico-pedagógico permitiu o acolhimento e a permanente adaptação do conteúdo para criar as condições para que as/os professores pudessem analisar a realidade partindo de uma visão crítica dos diferentes contextos sociais, principalmente da comunidade escolar.

### **Nesse contexto, os módulos construídos ganharam a seguinte formatação:**

#### **Módulo I** - Desigualdades de gênero, raça e classe social

De 16/03 a 20/04 (50 horas = 1h47min/dia)

- ✓ 1. As mulheres nas sociedades ocidentais: o conceito de patriarcado, a divisão sexual do trabalho e a separação entre o público e o privado
- ✓ 2. A escravidão e o colonialismo como eixos estruturantes da sociedade brasileira. O racismo estrutural e o sexismo.
- ✓ 3. As assimetrias cotidianas e o respeito às diferenças. O conceito de interseccionalidade, grupos e perspectivas sociais para entender o entrelaçamento das desigualdades e opressões cruzadas.

#### **Módulo II** – Sexualidades, Diversidade e Comunidade de Aprendizagem -

De 21/04 a 31/05 ( 40 horas = 1h/dia)

- ✓ 1. Sexualidades, família tradicional e a heteronormatividade compulsória

- ✓ 2. Sexualidades, família, educação e o conservadorismo religioso.
- ✓ 3. A educação como prática da liberdade: em direção ao respeito às diferenças e à diversidade em contraponto à imposição violenta

### **Módulo III** – Educação para a Cidadania, Democracia e os desafios decoloniais -

De 02/06 a 30/06 (30 horas = 1h/dia)

- ✓ 1. Cidadania, Democracia e Direitos em sociedades capitalistas: Do que se trata quando observamos pela perspectiva feminista?
- ✓ 2. Cidadania e Direitos: A relação entre Justiça e Equidade no contexto social e escolar
- ✓ 3. Pensamento decolonial, feminismos diversos e a diversidade cultural.

### **Módulo IV** – Um olhar para o pensar e o fazer pedagógico –

De 20/06 a 06/07 (20 horas = 1h25min/dia)

- ✓ 1. Reflexões teórico-práticas acerca do fazer pedagógico na educação;
- ✓ 3. Relações etno-raciais, educação e descolonização dos Currículos ;
- ✓ 4. Trocando Experiências e práticas pedagógicas

### **Sistema de Avaliação**

As/os participantes foram avaliadas por meio da participação em discussões, exercícios escritos, elaboração de material para os debates em aula e exercícios oferecidos pela plataforma da Universidade Livre Feminista.

Foram considerados os seguintes critérios para a emissão do certificado:

- ✓ A participação mínima de 50% de acessos na Plataforma, em lugar da presença nos encontros que foram cancelados.
- ✓ Devido à pandemia e à realidade de maior dificuldade, foi reajustada a ideia inicial de um trabalho final em formato de texto acadêmico para um trabalho autoral (escrito ou em áudio) para disponibilizar na plataforma da Universidade Livre Feminista.



- ✓ Foram consideradas a participação nos Fóruns de Debates, acessos nos textos teóricos e textos-síntese de cada Modulo, vídeos e *podcasts* disponibilizados na Plataforma.

## **Objetivos propostos**

### **Objetivo Geral:**

- ✓ Formar Multiplicadoras para que possam adotar práticas pedagógicas libertadoras e emancipatórias de enfrentamento às desigualdades vividas pelas mulheres;
- ✓ Dialogar com educadoras/es sobre as questões das desigualdades vividas pelas mulheres, crianças, jovens em diversas dimensões da vida, principalmente no âmbito da comunidade escolar do DF;
- ✓ Proporcionar o conhecimento sobre as relações sociais de gênero e as suas implicações;
- ✓ Instrumentalizar as participantes para que possam adotar práticas pedagógicas na perspectiva de igualdade e equidade de direitos entre homens, mulheres e sexualidades diversas;
- ✓ Capacitar as/os participantes para a construção de metas e estratégias pedagógicas de enfrentamento à violência contra a mulher;
- ✓ Capacitar as/os participantes para identificar os mecanismos de dominação patriarcal na sociedade contemporânea e como se manifestam na comunidade escolar;
- ✓ Potencializar a formação feminista como ferramenta de auxílio as combate às discriminações (gênero/raça/etnia/orientação sexual) no território da escola;
- ✓ Aproximar a realidade dos/das trabalhadoras de educação com as questões da luta das mulheres por igualdade de direitos;
- ✓ Potencializar a ação dos/das trabalhadoras em educação na vida comunitária para o enfrentamento a sociedade patriarcal e racista;

- ✓ Compreender a história da luta das mulheres no Brasil e no mundo;
- ✓ Formar multiplicadores para interagir na perspectiva de uma comunidade escolar com menor incidência de posturas machistas, misóginas, racistas e LGBTfóbicas;

### **Dos Objetivos:**

Podemos considerar que os objetivos foram atingidos. Além dos indicadores quantitativos de participação já referidos, merecem destaque as avaliações recebidas pelas participantes do curso. Para medir qualitativamente esses objetivos gostaríamos de anotar nesse relatório alguns depoimentos que foram registrados pelas participantes nos diferentes espaços de intervenção (fórum, *lives*, textos entre outros.).

Com relação ao conteúdo e ao referencial teórico indicado, as avaliações transcritas comprovam o acerto na metodologia e no conteúdo, que corresponderam às expectativas, como as seguintes afirmações:

A) *“Trazer Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Sueli Carneiro, Chimamanda Ngozi Adchie e tantas outras pensadoras negras históricas e da contemporaneidade foi vanguarda em termos de formação continuada”;*

B) *“Ampliou minha visão e minhas ações”;*

C) *“Os textos foram pertinentes e potentes”.*

D) *“Tanto nos podcasts quanto nos vídeos, percebi a leveza necessária no processo formativo. Obviamente o curso traz uma série de produções acadêmicas, experiências, filosofias e vivências, e com tudo isso não ficou no ‘academicismo’”(vide anexos).*

Da mesma forma, depoimentos publicados nas avaliações finais do curso, como o registro abaixo, demonstram a percepção satisfatória das cursistas:

E) *“A partir das leituras, das aulas, podcasts, vídeos pude perceber como nossa prática pedagógica deve ser revista, constantemente, por nós profissionais da educação, buscando sempre atualizar e aperfeiçoar nosso exercício. Durante esse processo pude refletir a importância de questionar as relações de poder existentes na sociedade, buscando não naturalizar as situações de violência e promover a tolerância e respeito às diferenças. Desconstruir o machismo e o racismo presentes em nosso discurso é tarefa árdua e diária*

*para todas/os professoras/es comprometidas/os com a formação de melhores cidadãs e cidadãos. Analisar as construções sociais, baseadas em relações assimétricas de poder entre homens e mulheres é imprescindível para buscar as raízes das violências sexuais e questionar os padrões sociais vigentes. A ausência de diálogo sobre esses temas é prejudicial para toda a sociedade. Enquanto homens estão em desvantagem com a construção e incentivo de masculinidades tóxicas, as mulheres ainda são as principais vítimas de um discurso que as objetifica e naturaliza os diversos tipos de assédio e violência. Avante por uma educação feminista, antirracista, antipatriarcal. Já! (vide anexos).*

As afirmações acima evidenciam qualitativamente o cumprimento dos objetivos. A proposta metodológica ofereceu condições para uma reflexão coletiva e teórica dos desafios para uma prática pedagógica inclusiva, democrática e humanista no ambiente escolar contribuindo para a análise crítica e a tomada de consciência do papel da escola e dos educadores nesse contexto desafiador de enfrentar as estruturas de poder que naturalizam desigualdades e violências.

A contribuição desta jornada também foi amplamente manifestada nos registros das *lives*. No relatório da avaliação, algumas cursistas lamentaram a dificuldade de tempo para realizar as leituras indicadas. Várias participantes registraram a qualidade e quantidade dos textos oferecidos, o que exigiria um tempo para a reflexão conjunta. A realidade imposta pela pandemia, porém, impediu os encontros presenciais que seriam oportunos para esclarecimentos e o debate coletivo. Apesar dessa perda, como dito anteriormente, a maioria ressaltou que a pandemia contribuiu para o acréscimo do tempo individual para as leituras. A maioria considerou que as leituras indicadas foram de fácil compreensão. Outras manifestaram a sobrecarga das tarefas de cuidado, lamentando que essa realidade as obrigasse a se afastarem do curso. É nesse contexto que um expressivo grupo de participantes propôs uma nova oportunidade para a realização do curso, reforçando a afirmação da *“importância da troca de experiências [presencial] para o enriquecimento dos discursos e qualificação das práticas pedagógicas”*.

Os espaços e o estímulo para a troca de aprendizados e experiências propostos pela coordenação da Jornada foram ressaltados como positivos. Essa metodologia reforçou o desejo de continuidade de uma formação continuada do curso:

*F) “Os fóruns de discussão poderiam se transformar em debates online”;*

G) *“Creio que novos e mais cursos de formação para professores com princípios e fundamentos feministas, antipatriarcal, antirracista, não sexista, classista e equânime é fundamental.”*

H) *“Todos precisam ter acesso ao conhecimento que alicerça e fortalece o movimento social das minorias de modo geral”.*

I) *“A formação continuada dos professores também é peça fundamental para que conceitos arcaicos sejam excluídos e novas formas de pensar a realidade sejam contempladas. Não se trata aqui de transformar professores em especialistas sobre os temas em questão, mas municiá-los de conhecimentos, os mínimos possíveis, para que a escola seja um local de acolhimento, onde as diferenças não sejam motivos de exclusão, violência, homofobia e racismo. Precisamos criar novos paradigmas e desafios para escola contemporânea e isso só será possível se a escola, enquanto espaço de produção e reprodução de saberes, assumir o papel de libertadora e não de algoz de seus atores, seja numa perspectiva tradicional, seja numa perspectiva feminista”.*

Nos fóruns também ocorreram manifestações e sugestões que podem servir de referência para a promoção de atividades futuras, assim como subsidiar a discussão sobre estratégias de multiplicação referidas nos objetivos, tendo como meta fortalecer e organizar uma atuação mais coletiva junto à Rede de Ensino:

J) *“Então que cada um que viveu essa experiência possa compartilhar as experiências com coragem e criando uma rede de apoio e proteção no ambiente em que atuam”.* Esta afirmação, além de outras, expressa a compreensão de que o conhecimento deve ser compartilhado e é importante no enfrentamento as violências. Assim como, a criação de uma rede de proteção para evitar que as iniciativas sejam podadas pelo próprio sistema.

Diversas estratégias que podem orientar ações permanentes de enfrentamento ao racismo, ao patriarcalismo/machismo e à lgbtfobia no ambiente escolar – valorizando o empoderamento, o reconhecimento do lugar de fala e de práticas pedagógicas transformadoras e inclusivas – foram registradas nas interações entre as cursistas durante os Fóruns de Debates a partir da literatura indicada. Embora o curso não tivesse a intenção de propor a organização destes espaços, é importante registrar que houve abordagens nesse sentido pelas participantes nos Fóruns de Debates. Sugerimos que as propostas apresentadas sejam objeto de avaliação e possíveis encaminhamentos por parte do SINPRO/DF, uma vez que no Objetivo Geral

proposto pelo curso havia uma expectativa de oferecer ferramentas de análise que permitissem refletir sobre a realidade nas escolas, no sentido de atuar sobre essas estruturas.

Por fim, e não menos importante, gostaríamos de ressaltar a integração interinstitucional, o cuidado e o compromisso da coordenação do curso que foram evidenciados na avaliação. Essa coordenação envolve a equipe pedagógica (Profas. Denise Mantovani, Bernadete Konzen, Isabel Freitas), a secretária executiva da Universidade Livre Feminista/ Cfemea (Cristina Lima) e a diretora do SINPRO-DF (Vilmara do Carmo). Sem dúvida, o resultado satisfatório do curso também é reflexo da sintonia entre essa coordenação. A disponibilidade para reuniões permanentes, a dedicação para avaliar cada etapa e compor os ajustes de forma a atender da melhor forma possível às expectativas das participantes do curso expressam o aprendizado coletivo nestes tempos onde a pandemia alterou significativamente a proposta inicial.

O desafio de novas formas de abordagem, o cuidado para buscar a integração permanente das inscricas com a plataforma da Universidade Livre Feminista, a busca e a motivação constante das cursistas para a participação realizada por diferentes formas, assim como o cuidado na interação e o compromisso com todo o processo fortaleceram a equipe, que buscou de todas as formas incorporar as sugestões e participação das cursistas no processo. Essa forte e saudável sinergia foi evidenciada na *live* final, com as manifestações carinhosas e depoimentos que as aprendizagens coletivas produziram em todas e todos, incluindo a equipe de coordenação do curso. A riqueza dessa experiência pode se constituir em uma importante sistematização pedagógica, uma vez que essa temática revelou sua urgência e importância, sobretudo diante da grave conjuntura que vivenciamos.

### **Sobre a Universidade Livre Feminista – SINPRO**

A Universidade Livre Feminista – ULF foi criada em 2009 como uma plataforma de formação feminista virtual. Criada pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria para contornar uma dificuldade das organizações feministas e movimentos de mulheres realizarem formações nacionais e de promoverem a memória de suas lutas. À medida que foi sendo apropriada por outras organizações e movimentos, ela foi se consolidando como uma plataforma para troca de saberes e experiências de mulheres engajadas ou interessadas no feminismo. Hoje, a Universidade Livre Feminista é um projeto colaborativo, cuja coordenação é compartilhada com outras duas organizações além do CFEMEA: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia e Cunhã – Coletivo Feminista e uma Rede de Colaboradoras que reúne mulheres de diferentes cidades do país identificadas com a proposta.

Nesses dez anos, a Universidade Livre Feminista adaptou e desenvolveu tecnologias de implementação da Pedagogia Feminista, uma fonte contínua de inspiração para os cursos e debates. No entanto, a Universidade se viu diante de um movimento muito plural e diverso, mas que carece de memória política. E também com as inúmeras desigualdades entre as mulheres, que se refletem no acesso à internet e à informações sobre o movimento.

A Universidade Livre Feminista chega a 2020 em um momento de avaliação das metodologias usadas e revisão do projeto político implementado nos últimos anos. Atualmente, 6.178 pessoas já participaram de algum processo formativo na plataforma, a maioria mulheres, de todas as regiões do país, com 20 cursos já realizados. Têm sido aprofundadas reflexões sobre formação feminista popular, a relação das mulheres com as tecnologias, o lugar das tecnologias na articulação política e a promoção de cuidados digitais.

O curso realizado em parceria com o SINPRO-DF foi um passo importante nesse processo, pois permitiu à equipe refletir sobre outras possibilidades de parceria e de que maneira adaptar os conteúdos feministas a um grupo de profissionais que não está totalmente inserido no movimento. Também nos permitiu oferecer um curso de qualidade em meio ao contexto adverso da Pandemia e observar as respostas diferenciadas de participação neste momento. A rica experiência do curso com certeza terá impacto nas formações futuras do projeto e nas reflexões que vêm sendo feitas sobre a metodologia de educação feminista à distância que tem sido construída nos dez anos de existência da Universidade Livre Feminista.

#### **Anexos:**

#### **Links:**

Jornada Feminista Antirracista Patrícia Galvão (acesso restrito à equipe pedagógica e coordenação, mediante login na plataforma da Universidade Livre Feminista)

<https://universidadefeminista.org.br/course/view.php?id=38>

<https://www.youtube.com/watch?v=RVG1w7wcSrw&feature=youtu.be>



*Jornada Feminista Antirracista*  
**Patricia Galvão**

Painel "Sexualidades e religiosidades  
no ambiente/comunidade escolar"  
Data: 14/05/2020  
Horário: 9h - 10h30



Roseli Bercilo - Ph. Roseli  
Márcia Bezerra - Pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas (CONIC)



Sídney dos Anjos - Feminista Crítica, Mestre em Educação (FEUSP), Doutorado em Antropologia (FEUSP), co-líder do coletivo, integrante do Coletivo Evangélico pela Igualdade de Gênero.



Rebecca Kalgren - mãe da Laila e da Mariana, militante antirracista de longa data, ativista em sua comunidade, professora de Língua Portuguesa, especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela UFFL, Mestre em Sociologia pela UFFL, pesquisadora em Direitos da Laila no feminismo de cor/raça LGBTQUECA, ex-professora do IFB Campus Estrada de Avaré e de São João do Rio Preto.



Neliane Maria (NoMaria) mãe, educadora da rede pública há 27 anos, ativista, gestor-procuradora e freilista da Frente de Mulheres Negras no DF e Entorno. Realizadora dos Rábulas Feministas, através de sua arte deseja valorizar a história, a luta e o protagonismo das mulheres negras.

Moderadora: Denise Mantovani - pós-doc em ciência política, pesquisadora em teorias feministas e coordenadora pedagógica da Jornada

Universidade Livre Feminista | SINPRO | CNPQ

**Live de Encerramento da Jornada – 02/07/2020**

<https://universidadefeminista.org.br/mod/resource/view.php?id=1004>